



Geltung

Revista de Estudos das Origens
da Filosofia Contemporânea



Revista de Estudos das Origens da Filosofia Contemporânea
Journal of Studies on the Origins of Contemporary Philosophy

Geltung, vol. 3, n. 2, 2024, p. 1-20 | e69415

ISSN: 2764-0892



<https://doi.org/10.23925/2764-0892.2024.v3.n2.e69415>

A MATERIALIDADE DO ÍNDICE COMO SAÍDA DA CLAUSURA METAFÍSICA: DERRIDA LEITOR DE HUSSERL

DANILO VILAÇA

Universidade Federal de Minas Gerais

danilovilaca@gmail.com

RESUMO

O artigo aborda a leitura de Husserl realizada por Derrida em *A Voz e o Fenômeno* (1967) e na introdução à tradução francesa da *Origem da Geometria* (1962), destacando a importância da materialidade dos signos (*Zeichen*) para o entendimento da linguagem e das idealizações. Derrida critica o privilégio da interioridade na metafísica transcendental e explora o encaminhamento à exterioridade, pressuposta pela ideia husserliana de índice (*Anzeichen*), evidenciando-a como fundamental para a construção dos sentidos (*Sinn*) e das significações (*Bedeutung*). Há, portanto, uma inversão da hierarquia da tradição filosófica, pois a concretude dos suportes da linguagem aparece como sustentando o campo ideal.

PALAVRAS-CHAVE

DERRIDA. HUSSERL. DESCONSTRUÇÃO. FENOMENOLOGIA. LINGUAGEM.

ABSTRACT

This article discusses Derrida's reading of Husserl in *The Voice and the Phenomenon* (1967) and in the introduction to the French translation of *The Origin of Geometry* (1962), highlighting the importance of the materiality of signs (*Zeichen*) for the understanding of language and idealizations. Derrida criticizes the privilege of interiority in transcendental metaphysics and explores the reference to exteriority, presupposed by Husserl's idea of index (*Anzeichen*), highlighting it as fundamental for the construction of senses (*Sinn*) and meanings (*Bedeutung*). There is, therefore, an inversion of the hierarchy of the philosophical tradition, as the concreteness of the supports of language appears to sustain the ideal field.

KEYWORDS

DERRIDA. HUSSERL. DECONSTRUCTION. PHENOMENOLOGY. LANGUAGE.

INTRODUÇÃO

A celebre ideia de uma inversão hierárquica na compreensão da linguagem apresentada na *Gramatologia* (1967), na qual os significantes materiais aparecem como pressuposto para as significações ideais, pode também ser identificada na leitura que Derrida realizou da obra de Husserl. A escrita husserliana é uma das principais referências na desconstrução de privilégios categoriais tradicionais à filosofia (sentidos/ideia, sentir/pensar, interior/exterior, matéria/ideia etc.). Não obstante essa aproximação, o texto derridiano interpretou a fenomenologia como uma tentativa de saída não plenamente bem sucedida dos esquemas de enclausuramento teórico metafísicos.

Como fica claro em a *La phénoménologie et la clôture de la métaphysique: introduction à la pensée de Husserl* (1966) e a *Voz e o Fenômeno* (1967), Derrida percebe certa aderência, mesmo que especulativa, de Husserl à pressupostos das teorias do conhecimento que, segundo as próprias diretrizes do método fenomenológico, deveriam ser deixados de lado. A fenomenologia, portanto, aparece, para a desconstrução, simultaneamente como a transgressão ousada e como a restauração mais consistente da metafísica. “Se ela dá um passo além de um certo tipo de hegelianismo, no qual toda a história da metafísica é unificada e alcançada, é para retornar às origens, ao ideal platônico de filosofia como episteme e ao projeto aristotélico de filosofia primeira” (Derrida, 1966). Por outro lado, o itinerário de Husserl, ainda segundo Derrida, é afetado por uma ambiguidade produtiva: ele nos mantém no campo e na linguagem da metafísica pelo mesmo gesto que a leva além de um fechamento.

CRÍTICA À METAFÍSICA DA EXPRESSÃO PELA MATERIALIDADE DO ÍNDICE (ANZEICHEN)

Foi nesse sentido que a *Voz e o Fenômeno* se revelou como uma das obras inaugurais da desconstrução, na medida em que realiza uma leitura crítica, não

puramente negativa, dos textos da tradição ao encontrar na própria tessitura dos escritos caminhos abertos ou pontos cegos de onde podem surgir novos direcionamentos. Com esse tipo de visada, esse escrito derridiano irá investigar a ideia de signo (*Zeichen*) nas *Investigações Lógicas* (1900). Segundo Derrida, nessa obra, é crucial compreender que o termo *Zeichen* engloba a expressão (*Ausdruck*), e o de índice (*Anzeichen*), pois para Husserl, o signo indicial não pode comunicar nenhum sentido (*Sinn*), a não ser que esteja ligado a uma expressão de significação (*Bedeutung*) (Derrida, 1994, p. 28). Um índice é um sinal que aponta para algo, mas não necessariamente carrega um significado intencional ou linguístico. Ele pode ser indicativo ou remissivo, como um sintoma que aponta para uma doença, ou uma pegada que indica a presença de um animal, ou mesmo uma imagem e um texto escrito¹. É apenas um tipo de sinal que faz uma conexão direta e factual com o objeto ao qual se refere, sem envolver a intencionalidade do "querer-dizer". A expressão, por outro lado, é um signo puramente linguístico. Ela está intrinsecamente ligada à idealidade de um significado (*Bedeutung*) e está associada à possibilidade do discurso falado (*Rede*). Diferente do índice, a expressão envolve a intenção de comunicar um significado específico e é carregada de intencionalidade. Quando alguém se expressa, ele ou ela "querem dizer" algo específico, transmitindo um conteúdo discursivo ou um sentido de discurso (Derrida, 1994, p. 26).

¹ Em nota, Derrida irá enunciar a escrita como índice da seguinte forma: "Na lógica de seus exemplos e de sua análise, Husserl poderia ter citado a grafia em geral. Embora a escrita seja, sem dúvida, para ele, indicativa em sua camada própria, ela levanta uma problema temível, que explica provavelmente o silêncio prudente de Husserl neste ponto. É que, supondo-se que ela seja indicativa no sentido que ele dá a essa palavra, ela tem um privilégio estranho que pode desorganizar todas essas distinções essenciais: escrita fonética (ou melhor: na parte puramente fonética da escrita abusiva e globalmente dita fonética), o que ela "indicaria" seria uma "expressão"; escrita não fonética, esta se substituiria no discurso expressivo naquilo que o une imediatamente ao "querer-dizer" (*bedeuten*)."
(Derrida, 1994, p. 35-36).

Neste artigo utilizamos "escrita" para a tradução da palavra francesa *écriture*, pois as ocorrências do termo estão ligadas ao sentido comum e ordinário de escrita e não se referem estritamente ao quase-conceito de "escritura" (*écriture*) que tem um sentido mais abrangente nos textos derridianos. Essa opção tem a pretensão de tornar o texto mais acessível ao público não familiarizado com os textos de Derrida.

A ambiguidade de Husserl pode ser identificada na ideia da expressão como um “querer dizer” como fonte para a efetividade da comunicação de um significado. Se, como propõe as *Investigações*, a *Bedeutung* não pode coincidir com sua manifestação, o que garante a comunicabilidade é um monólogo interno, no qual a presença física da linguagem parece realmente ausente. A unidade da palavra não depende das ocasiões externas e sensoriais de seu uso, pois a essência da palavra é ideal. Ela representa a possibilidade ideal de repetição e não perde nada com a ausência de qualquer empiricidade (*ibid.*, p. 51). Nesse sentido, a expressão (*Ausdruck*) pode ser de certa forma independente de um medium, pois, mesmo que Husserl afirme um emaranhado da expressão com o índice, a idealidade deve se proteger da contingência do indicial/empírica para se resguardar como origem e comando purificado, que garante a certeza da intuição. Por isso, a expressão deve se ligar ao puramente lógico como “‘medium’ ‘improdutivo’ que vem ‘refletir’ (*wiederzuspiegeln*) a camada de sentido pré-expressivo” (*ibid.*, p. 85).

Como para Husserl, e sua proposta de se esquivar dos vícios metafísicos de seus antecessores, o ser ideal não existe fora do mundo, ele precisa ser constituído, repetido e expresso por um suporte material que não atinge a presença e a consciência dos atos que o visam. Esse meio deve preservar simultaneamente a presença do objeto diante da intuição e a proximidade absoluta dos atos em relação a si mesmos. A idealidade do objeto é apenas seu ser para uma consciência não empírica, e só pode ser expressa em um elemento cuja fenomenalidade não tem a forma da mundanidade. Esse elemento é a voz, pois a voz (os signos fônicos, as "imagens acústicas" no sentido de Saussure e a voz fenomenológica) é ouvida pelo sujeito que a profere na proximidade absoluta do seu presente (*ibid.*, p. 86).

Para compreender em que reside o poder da voz e em que a metafísica, a filosofia, a determinação do ser como presença são a época da voz como domínio técnico do ser-objeto, para compreender a unidade da *technè* e da *phonè*, é preciso pensar a objetividade do objeto. O objeto ideal é o mais objetivo dos objetos: independente do *hic et nunc* dos acontecimentos e dos atos da subjetividade empírica que o visa, ele pode, ao infinito, ser repetido, continuando sempre o mesmo. Sua presença à intuição, seu estar-diante do olhar não dependendo essencialmente de nenhuma síntese mundana ou empírica, a restituição do seu sentido na forma da presença se torna uma possibilidade universal e ilimitada (Derrida, 1994, p. 86).

O suposto privilégio dado a *phoné*, segundo Derrida, responderia a um momento de economia do pensamento, no qual o "ouvir-se-falar" garantiria a inclusão do significante na interioridade subjetiva, não mundana, não empírica e não contingente (Derrida, 1973, p. 9). Assim, embora a ideia de signo (*Zeichen*), como podendo significar "expressão" ou "índice", pareça evitar uma hierarquia entre o inteligível e o sensível, tal esquema conserva a referência a um significado que pode ocorrer na pura inteligibilidade, ligado imediatamente ao *logos* absoluto, sem remissão a um significante externo. "A leitura e a escrita, a produção ou a interpretação dos signos, o texto em geral, como tecido de signos, tornam-se secundários" (Derrida, 1973, p. 18), pois há uma verdade que os precede ou um sentido já constituído "pelo e no" elemento do *logos*. Mesmo a coisa em si (o referente) é tomado como evidente a uma intuição, que teria uma relação imediata com o *logos* e com o significante fônico e mediata com o significante exterior, isto é, com a exterioridade da escrita. Por isso, mesmo sem afirmar de forma categórica, Husserl fina por estabelecer a ligação da voz com o pensamento como mais primordial e transparente, enquanto a representação escrita, por não estar contida na esfera da consciência pura, contém desvios que impossibilitariam a construção de um sistema rigorosamente delimitado.

Na desconstrução, ao contrário, o nexo entre pensamento e mundo, estabelecido pela linguagem, não pode ser deduzido da relação a si de um pensamento reivindicado por uma voz presente conectada imediatamente ao significado mental. Por isso, em *A voz e o fenômeno* (1967), Derrida irá afirmar que os significantes não fônicos evidenciam uma referência espacial necessária

à linguagem; o sentido do "fora", "no mundo", que acompanha o signo escrito é um componente essencial para qualquer referência linguística aos fenômenos (Derrida, 1994, p. 87). Essa remissão ao exterior estaria presente até mesmo na ideia husseriana de expressão (*Ausdruck*), que, apesar de querer se sustentar enquanto forma pura na esfera da "vida solitária da alma", acaba também dependendo dos suplementos fônicos ou gráficos da linguagem, os quais, por sua vez, conferem exterioridade, não presença a si, ao sentido do querer-dizer. Desse modo, segundo a leitura de Derrida, a expressão husseriana finda por idealizar o próprio signo ao anunciar sua "pré-existência ideal", concebida como uma significação anterior à "contaminação" pelo suporte material, ou pelo índice. Nesse sentido, identifica-se certa dicotomia nas elaborações dispostas por Husserl, na quais a noção de índice (como uma realidade empírica, existente no mundo) é de certa forma confrontada com a noção de expressão como uma idealidade, que concerne tão somente à voz e ao espírito. Em razão desse destaque, essa voz interior é algo que pode não se exteriorizar e pode ser concebida como uma expressividade puramente ideal, destacada de sua efetividade comunicativa (Haddock-Lobo, 2008, p. 51).

Derrida, portanto, contesta Husserl pelo privilégio dado ao âmbito da expressão enquanto conectada ao significado. A expressão, por reivindicar um caráter voluntário de exteriorização (querer-dizer), deveria implicar o encaminhamento a certa materialidade, pressuposta pelo índice, para a manifestação dos significados. Ora, se o índice é caracterizado como elemento do signo que aponta para algo não presente ou para a remissão a alguma outra instância que não a si mesmo, a expressão depende do índice para poder existir na sua função comunicativa. Se a expressão tem em si uma intenção de significação, ela deve depender do teor fônico ou gráfico da linguagem e não pode se sustentar enquanto forma pura naquilo que Husserl denomina "vida solitária da alma". Sobre isso, tem-se que:

Logo se confirmará que, para Husserl, a expressividade da expressão — que sempre supõe a idealidade de uma *Bedeutung* — tem uma ligação

irredutível com a possibilidade do discurso falado (*Rede*). A expressão é um signo puramente linguístico, e é precisamente isso que a distingue, em primeira análise, do índice. Embora o discurso falado seja uma estrutura muito complexa, comportando sempre, de fato, uma camada indicativa que teremos, como se verá, a maior dificuldade em conter dentro de seus limites, Husserl lhe reserva a exclusividade do direito à expressão. E, portanto, da logicidade pura (Derrida, 1993, p. 26). Certamente [...] a própria comunicação é para Husserl uma camada extrínseca da expressão. Mas, cada vez que ela se produz efetivamente, uma expressão comporta um valor de comunicação, mesmo que ela não se esgote neste, ou que este valor lhe seja simplesmente associado (Ibid., p. 28).

Nesse sentido, Derrida propõe que os *traços/rastros*² (*trace*) escritos, que permanecem quando o "falante" está ausente, exemplificam como o sentido da linguagem, para ser assimilado por sua face comunicativa, não precisa de uma referência exaustiva a um sujeito intencional como origem e comando da enunciação. Em contrapartida à expressão husseriana, na qual o fundamento da linguagem é situado na relação autoafetiva do sujeito, que compõe significante e significado tomados como evidência intuída, a desconstrução afirma que os signos devem comportar uma indicação à empiricidade dos fenômenos, ao remeter a elementos que implicam uma espacialização, uma distância com relação aos "sujeitos"³. Esta remissão à exterioridade operada pelo índice (Husserl) é fundamental para a linguagem e a comunicação, e é precisamente por isso que Derrida encontra na materialidade do signo escrito um modelo que ajuda a entender a necessária exteriorização presente nas operações da linguageiras.

² Utilizarei itálico nas ocorrências desse quase-conceito.

³ Para a desconstrução, e podemos generalizar a todo pós-estruturalismo, o "sujeito" aparece entre aspas, pois (como escreve Jean Luc Nancy no prefácio da entrevista concedida a ele por Derrida, *Il faut bien manger ou le calcul du sujet*) "uma das maiores características do pensamento contemporâneo é o questionar a instância do 'sujeito' de acordo com a estrutura, o significado e o valor subsumido neste termo moderno, de Descartes a Hegel, senão a Husserl. Se as decisões inaugadoras do pensamento contemporâneo tiveram lugar sob o signo da ruptura com a metafísica e de suas questões mal colocadas, sob o signo da 'desconstrução' da metafísica, sob o da transferência do pensamento do Ser para o pensamento da vida, ou do Outro, ou da linguagem, etc., todas elas envolveram o questionar da subjetividade. Um discurso generalizado recentemente proclamou a simples liquidação do sujeito" (Derrida, 2018a, p. 151).

De acordo com essa leitura, Derrida explora a diferença entre sentido (*Sinn*) e significação (*Bedeutung*) – que não estaria enunciada diretamente, mas apenas subentendida nos escritos de Husserl – a partir da crítica à metafísica tradicional e à noção de presença. Para Derrida, o sentido (*Sinn*) é a interpretação ou o significado que atribuímos a um signo, enquanto a significação é a estruturalidade ou a forma que permite essa interpretação. A diferença entre sentido e significação é, assim, fundamental para entender a natureza da linguagem. A significação que possibilita a existência do sentido, mas o sentido nunca pode ser totalmente capturado ou fixado pela significação, pois há sempre um elemento de diferença (*différance*) que mantém o sentido em movimento e em constante transformação. Esse conceito de *différance* é central para a desconstrução de Derrida, pois ele mostra que a linguagem é sempre um jogo de diferenças e que o sentido está sempre "a caminho" e nunca está completamente presente.

A releitura que a desconstrução faz da combinação entre o índice e a expressão do signo realça, portanto, que as conotações atribuídas a esses termos se constituem da relação estabelecida entre eles, isto é, o sentido da expressão só é apreensível pelo seu nexo com o índice e vice-versa. Destarte, tanto a concepção de índice quanto a de expressão precisam estar incluídas numa rede de suplementações, substituições, diferenças, remissões e antecipações, de modo que não é possível estabelecer uma origem empírica ou ideal para a composição do signo.

Derrida sugere que tanto a voz quanto a escrita estão sujeitas à diferença (*différance*), o que significa que o sentido nunca é completamente presente e fixo. A voz, embora pareça imediata, ainda está marcada pela diferença e pelo desvio, pois o sentido que expressa não é totalmente estável ou presente. A escrita, por sua vez, evidencia mais claramente essa instabilidade, pois seu significado depende do contexto e da interpretação, mostrando que o sentido é sempre diferido. Assim, Derrida desmonta a oposição tradicional entre voz e escrita, mostrando que ambos os meios de expressão estão sujeitos à mesma

estruturalidade de diferença, o que implica que o sentido e a significação não podem ser plenamente fixados ou totalmente presentes. Essa visão desconstrói a ideia de que a voz é um meio mais autêntico ou imediato de expressão do pensamento. Tanto no discurso falado quanto no discurso escrito, os elementos não podem funcionar como signo "sem remeter a um outro elemento, o qual ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada 'elemento' – fonema ou grafema – constitua-se a partir do *rastro*, dos vestígios que existem nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema" (Derrida, 2001b, p. 32).

Dessa forma, a ideia de índice diz respeito a uma abertura da subjetividade à alteridade do "exterior", do fora como condição do significado. Mas esse fora não se relaciona com o interior, ou (para utilizar uma terminologia derridiana) com o *dentro* no modo da presença, mas sim na "não-presença do outro inscrita no sentido presente" (Derrida, 1973, p. 87). A releitura derridiana rasura, portanto, não apenas a *différance* índice/expressão, como também a do interior/exterior, ausência/presença, passado/agora/futuro, posto que, no que diz respeito à efetividade da língua, não há uma relação de causalidade nem de pura oposição entre estes termos, há antes um jogo de vestígios e *diferenças* (*différance*) justapostas pela memória, de forma a permitir a diferenciação, a identificação e, consequentemente, o sentido.

Dessa forma, a linguagem não pode ser fundamentada por uma causalidade entre a idealidade do significado e a materialidade do significante fônico, uma vez que seus encaminhamentos não obedecem a uma cronologia linear e resultam de complexos que não são formados por unidades indecomponíveis. Essas individuações, por sua vez, preservam intervalos e espaços em seu interior que não permitem que a simultaneidade significante/significado seja pensada como identidade entre os termos.

Trata-se, portanto, de uma crítica à ideia de uma significação absoluta e axiomática que seja independente do sistema simbólico/linguístico no qual é experienciada. Nesse registro, o pensamento não é constituído por um sentido

originalmente ideal, interior e preexistente à condição de ser referido a uma palavra ou a um significante exterior (Derrida, 1973, p. 18). Isso quer dizer que a possibilidade do significado deve pressupor esta "contaminação" da palavra, que sempre extrapola "tanto a pretensão saussuriana de delimitação de um sistema interno da língua quanto" a tese de uma redução *eidética* e transcendental em Husserl (Duque-Estrada, 2002, p. 18-19). Censura-se, portanto, a forma como a linguística e a fenomenologia tradicionalmente fazem a distinção entre significante/significado ou índice/expressão, pois essa categorização não ajuda a entender todos os mecanismos da linguagem e ainda pressupõe um domínio do intelecto com relação ao empírico (Derrida, 1973, p. 17).

A MATERIALIDADE DAS ÉCRITURES E O QUASE-TRANSCENDENTAL

A existência ideal está fundada sobre o documento.
Maurice Merleau-Ponty, *O filósofo e sua sombra*

Na leitura da fenomenologia husserliana realizada por Derrida, em *A voz e o fenômeno* (1967), enfatizamos como os significantes não fônicos evidenciam uma referência espacial necessária à linguagem, ao indicar que o encaminhamento a certa externalidade tipificada pelo signo escrito é um componente essencial para qualquer referência linguística aos fenômenos (Derrida, 1994, p. 87). Essa remissão ao fora, como já dissemos, estaria presente até mesmo na ideia husserliana de expressão que, apesar de pretender se sustentar enquanto forma pura na esfera da "vida solitária da alma", finda por depender dos suplementos fônicos ou gráficos da linguagem, na medida em que esses elementos conferem exterioridade, não presença a si, ao sentido do querer-dizer. Desse modo, Derrida encontra, na própria obra de Husserl, elementos que contestam as leituras idealistas sobre a fenomenologia, ao propor que o conceito de expressão não consegue se ancorar na referência a um significado transcendental, constituído anteriormente à sua "contaminação" pelo suporte material que o faz acessível à comunicação.

Pode-se dizer que essa problemática foi continuamente retomada pela desconstrução, uma vez que a questão da materialidade dos suportes, pressuposta pelo índice, surge para Derrida também a partir de outra leitura da fenomenologia husseriana, na qual ele destaca como os meios de fixação linguísticas são decisivos no que tange à compreensão de como as significações ideais se formam e são transmitidas no decorrer da história. Esse questionamento está lançado no texto que Derrida escreve como introdução à tradução francesa da *Origem da Geometria* (1962), de Husserl, na qual a investigação sobre a origem dos objetos ideais da geometria escapa ao âmbito da lógica abstrata, por ter relação também com a forma como as idealidades são experienciadas. Se considerarmos que, naquele momento da obra de Husserl⁴, a investigação fenomenológica se dedicava a entender as várias manifestações nas quais o significado é expresso, um olhar sobre a historicidade das significações matemáticas (sua origem e sua manutenção enquanto tradição) teve como objetivo mostrar como o conhecimento abstrato da geometria se arranja de modo que sua efetividade não pode ser exclusivamente identificada, nem nas sequências causais de fatos da história empírica, nem num trajeto de enriquecimento ideal a-histórico⁵.

Husserl indica os elementos da matemática como exemplos privilegiados de objetos ideais, posto que seriam, pelo menos em parte, independentes de uma subjetividade empírica situada historicamente, o que atenderia os

⁴ Sobre as repercussões das investigações husserianas, Emmanuel Alloa (2012) escreveu um artigo bastante elucidativo sobre a influência da *Origem da Geometria* para as reflexões da filosofia francesa de meados do século XX, sobretudo nas obras de Merleau-Ponty e Derrida. Cito uma de suas passagens: "O problema das idealidades, e portanto de qualquer coisa que é válida através de todas as suas variações empíricas, é então um problema que não é lógico, mas genético, no sentido de que a própria lógica deve ser compreendida como resultado de uma gênese. 'Uma unidade de intenção liga então a *Filosofia da aritmética* e *A origem da geometria*, atravessando todos os seus momentos intermediários', escreve ainda Derrida, acrescentando que antes de chegar à 'gênese transcendental, Husserl teve de partir, sem embargo, de uma gênese empírica'. Este ponto de partida empírico deve comprometer definitivamente toda esperança de encontrar uma esfera puramente transcendental" (Alloa, 2012, p. 77).

⁵ L'historicité des objectifs idéaux, c'est-à-dire leur origine et leur tradition – au sens ambigu de ce mot qui enveloppe à la fois le mouvement de la transmission et la perdurance de l'héritage – obéit à des règles insolites, qui ne sont ni celles des enrichissement factices de l'histoire empirique, ni celles d'un enrichissement idéal" (Derrida, 1962, p. 5-6).

pressupostos iniciais da filosofia husseriana de circunscrever a investigação à esfera da consciência pura. Essa delimitação, segundo Derrida, é muito importante para o entendimento dos primeiros movimentos da interrogação fenomenológica⁶, pois neste registro a história é encarada como uma síntese das manifestações ideais dentro da esfera egológica. Husserl estabelece, então, as espécies ideais como produtos "superiores" da razão, que são a condição de possibilidade da historicidade empírica. O que garantiria, nesse caso, o conhecimento rigoroso (não relativo) e sua transmissão são as ideias presentes em uma consciência intersubjetiva/transcendental e não as pertencentes a um ego concreto (Derrida, 1962, p. 7-8).

A tensão ressaltada por Derrida, portanto, visa questionar o destaque entre a região fática (fora) e a região eidética (dentro) como forma de explicar a origem da geometria (e por conseguinte de todo conhecimento rigoroso), pois o problema das idealidades, enquanto o que é válido para toda variação fenomênica, não pode ser elucidado unicamente por cadeias de deduções abstratas, posto que possui uma gênese que pelo menos aponta ao âmbito empírico⁷.

⁶ Derrida escreve a introdução da *Origem da Geometria* com o objetivo de situar a obra no interior do percurso teórico realizado por Husserl. O texto em questão exemplificaria as problemáticas que emergem num momento tardio da fenomenologia husseriana: "Au premier abord, *L'Origine de la Géométrie* ne se distingue pas davantage par le double faisceau de critiques qu'on y voit dirigées, d'une part contre une certaine irresponsabilité techniciste et objectiviste dans la pratique de la science et de la philosophie; d'autre part, contre un historicisme aveugle par le culte empiriste du fait et la présomption causaliste. Les premières critiques étaient au point de départ de Logique formelle et logique transcendante, des *Méditations Cartésiennes* et de la *Krisis*... Les secondes étaient apparues beaucoup plus tôt, dans les *Recherches logiques*, dans *La philosophie comme science rigoureuse* dont elles étaient la préoccupation essentielle, et dans les *Idées... I.* [...] De ces possibilités de principe, Husserl tente de faire ici l'épreuve singulière – à propos de la géométrie – et d'y déchiffrer la prescription d'une tâche générale. Comme la plupart des textes husserliens, *L'Origine de la Géométrie* a une valeur à la fois programmatique et exemplaire" (Derrida, 1962, p. 3-5).

⁷ "Eis aí toda a tensão interna ao projeto husserliano, identificada por Derrida perfeitamente desde 1954, e que impõe à fenomenologia uma dupla obrigação: 'a exigência de um começo absoluto, de um lado, e a temporalidade do vivido como referência filosófica última, de outro'; uma filosofia que, desde então, 'a um só tempo reivindica para a filosofia um novo rigor científico e a reenvia à pureza do vivido concreto'" (Derrida, 1990b *apud* Alloa, 2012, p. 77).

Sem dúvida, a sedimentação intra-egológica, as evidências potenciais, os 'resíduos' e os 'reenvios' que essa 'história' torna necessários não são mais do que uma trama de sentidos. Mas eles não são também, pela imprescindibilidade, irreversibilidade, invariabilidade de suas concatenações, 'fatos', estruturas fáticas, em relação às quais a consciência pura não seria mais livre? Essas estruturas sedimentárias poderiam sobreviver de direito ao aniquilamento, ao abalo, em uma palavra, à 'variação' total da facticidade? Não seriam elas marcadas, enquanto sentido, por certa ordem do mundo fático a qual é ligada, nas concatenações próprias, a consciência passada, estruturalmente implicada em toda consciência presente? (Derrida, 2018c, p. 66)⁸.

A proposta de estabelecer o fundamento puramente eidético da matemática acaba por revelar o transcendental como efeito de um acúmulo de experiências de um ego situado. Este paradoxo será continuamente explorado por Derrida⁹, que apontará, no próprio trabalho de Husserl, caminhos para sair desse impasse, pois, apesar de todo esforço em delimitar uma origem abstrata da geometria, o recurso a uma idealidade sensível permanece como condição de uma idealidade puramente lógica, "a idealidade sensível pura situa-se, assim, segundo Husserl, em um nível pré-matemático"¹⁰ (Derrida, 1962, p. 133, tradução nossa). Isso quer dizer que o isolamento da materialidade empírica nunca pôde ser totalmente satisfeita porque as ideias precisam se manifestar de forma sensível, para que sejam assimiladas pela coletividade e possam alcançar meios de se fixar no decorrer da história. Nesse sentido, os fundamentos abstratos da geometria precisam de um suporte material no qual possam aparecer, por isso, "Husserl fala sempre de 'suporte', de 'substrato', de

⁸ "Sans doute la sédimentation intra-éologique, les évidences potentielles, les 'résidus' et les 'renvois' que cette 'histoire' rend nécessaires ne sont-ils qu'une trame de sens. Mais ne sont-ils pas aussi, par l'irremplaçabilité, l'irréversibilité, l'invariabilité de leurs enchaînements, des 'faits', des structures factices à l'égard desquelles la conscience pure ne serait plus fibre? Ces structures sédimentaires pourraient-elles survivre en droit à l'anéantissement, au bouleversement, en un mot à la 'variation' totale de la facticité ? Ne seraient-elles pas marquées, en tant que sens, par un certain ordre du monde factice auquel s'est fide, dans ses enchaînements propres, la conscience passée, structurellement implique en toute conscience présente?" (Derrida, 1962, p. 96).

⁹ "[...] A exigência de um começo absoluto, de um lado, e a temporalidade do vivido como referência filosófica última, de outro" (Derrida, 1990 *apud* Alloa, 2012); Husserl "a um só tempo reivindica para a filosofia um novo rigor científico e a reenvia à pureza do vivido concreto" (*Ibid.*, p. 77).

¹⁰ "L'idealité sensible pure se situe donc, selon Husserl, a un niveau pré-mathématique".

'fundamentos' sensíveis da geometria"¹¹ (Derrida, 1962, p. 145), sem os quais não seria possível a disseminação de uma tradição de conhecimentos.

Derrida, então, recolhe deste pequeno texto escrito por Husserl, em 1936, uma conclusão que marcaria toda sua filosofia, qual seja, a de que não há sedimentação de significados ideais senão onde é possível a persistência de uma inscrição material. Isso equivale a dizer que as verdades geométricas dependem de algum suporte no qual a escrita matemática possa se fixar. Assim, a *écriture* como "dispositivo extrínseco" à idealidade do sentido, apesar de não garantir uma intenção de significação absoluta, é condição de todo conhecimento objetivo. Derrida, em nota, cita um trecho das *Investigações Lógicas*, que já prenunciava o que ficaria claro na *Origem da Geometria*:

A ciência não tem existência objetiva senão na sua bibliografia, senão sob a forma de obras escritas que a ciência encontra uma existência própria, embora rica em relações com o homem e suas funções intelectuais; é sob essa forma que a ciência se perpetua através de milênios e sobrevive aos indivíduos, às gerações e às nações. A ciência representa assim um total de dispositivos extrínsecos que, tal como eles resultam em atos de conhecimento de numerosos indivíduos, podem passar em atos idênticos de inumeráveis outros indivíduos segundo um modo que é fácil de compreender, mas não de descrever exatamente sem ser prolixo (*Investigações lógicas t. I, § 6, apud* Derrida, 2018c, p. 64)¹².

Esta concepção de escrita como responsável pelo compartilhamento e pela perduração de certas verdades científicas terá seu sentido posteriormente ampliado por Derrida, a partir da consideração da equivocidade interpretativa vinculada a esses elementos que prescindem da presença do sujeito da enunciação. Na desconstrução, há uma dimensão impessoal da transmissão do conhecimento, posto que a escrita como componente anônimo da linguagem tem a possibilidade de ser, pelo menos parcialmente, decifrada mesmo sem o acesso à intenção de sua produção. Se as verdades têm sua duração na história

¹¹ "Husserl parle toujours de 'support', de 'substrat', de 'soubassements' sensibles de la géométrie".

¹² Na tradução para o português da obra de Husserl o trecho está na página 10, cf. Husserl, 2014, p. 10.

garantida pela escrita, evidencia-se o caráter linguageiro de qualquer conhecimento. A constituição de uma ciência rigorosa depende da participação da escrita num movimento de remessas, as quais envolvem um conjunto de rastros que compõem nossa experiência.

Todo o problema é que a fenomenologia se vê obrigada, em seu esforço de explicitação da esfera transcendental, a usar termos que, eles próprios, não podem ser transcendentais, a usar então termos concretos, forjados numa língua empírica, ao passo que a enunciação particular compromete o estatuto universal por ela pretendido (Alloa, 2012, p. 82-83).

Isso quer dizer que a fenomenologia, ao ter como objetivo encontrar validades gerais nos fenômenos, deve pressupor que suas conclusões possam ser comunicadas. Se para a comunicação precisamos da linguagem e se não há linguagem sem uma mínima predicação, jamais haverá uma pureza ideal que não esteja em relação com algo outro. Em outras palavras, a noção de um âmbito transcendental jamais consegue ser nem totalmente independente de um ego situado, nem plenamente purificada do empírico, pois todo pensamento necessita pelo menos do "suporte" de um corpo para se manifestar. Resulta disso que as ideias que imputamos como imutáveis e universais não se mantêm num "espaço transcendental", pois necessitam dos suportes para serem retomadas e partilhadas. Além disso, apenas com as inscrições sensíveis um dado conhecimento pode ser válido independentemente de qualquer sujeito, pois a sedimentação das significações é depositada na impessoalidade da escrita ou de qualquer outro significante exterior (inclusive nas imagens). As intuições, as experiências e os conhecimentos passados sobrevivem num suporte material que permitirá sua reativação¹³.

A escrita e outras modalidades de fixação da linguagem são, portanto, próteses memoriais que de certa forma precedem a experiência intuitiva na

¹³ "Sans l'ultime objectivation que permet l'écriture, tout langage resterait encore captif de l'intentionnalité factice et actuelle d'un sujet parlant ou d'une communauté de sujets parlants. En virtualisant absolument le dialogue, l'écriture crée une sorte de champ transcendental autonome dont tout sujet actuel peut s'absenter" (Derrida, 1962, p. 84).

forma de traços de outras intuições, que nem sequer podemos afirmar que foram vividas por um sujeito. Assim, as evidências recolhidas no presente são confrontadas a este campo quase-transcendental que a *écriture* inaugura. Ela é um suplemento indispensável para experiência do presente. Ao mesmo tempo em que é o elemento que permite a transmissão de uma certa verdade, a escrita é também aquilo que condiciona a descoberta de novos conhecimentos (Alloa, 2012, p. 87). O objeto ideal é, portanto, dependente de uma mediação tanto quanto o objeto sensível, pois a exigência de perduração no tempo exige que ele seja depositado sobre uma matéria sem vida. Só assim as verdades (conhecimentos) podem se manter no tempo ao mesmo tempo em que preservam a possibilidade de iteração, isto é, de se repetir num futuro e de poderem ser identificadas nas suas diversas manifestações¹⁴.

A conclusão que Derrida retira de sua interpretação da tradição fenomenológica é de que o aparecer jamais é imediato, mas inevitavelmente modulado, formatado e equalizado por uma materialidade que torna possível que um mesmo fenômeno possa ser interpretado da mesma forma nas diversas consciências nas quais ele se manifesta. Dessa forma, se levarmos em consideração o entendimento compartilhado dos fenômenos, devemos admitir que a mediação material torna pública as diversas manifestações do conhecimento, o que retira a autoridade de seu produtor e instaura sua

¹⁴ Iteração é um conceito frequentemente utilizado por Derrida para descrever o funcionamento da significação: toda iteração é ao mesmo tempo repetição e diferença, conforme a raiz da palavra (*iterum*, do sânscrito *itará*, "outro"), que faz de toda iteração uma alteração (Derrida, 1973, p. 375), diz respeito à possibilidade de uma significação ser entendida quando se reitera de outra forma, em outros tempos ou em outras localidades, cf. Ramond, 2001, p. 48. Derrida resume bem a relação da *écriture*, da iteração e do transcendental em *Assinatura contexto acontecimento*: "A possibilidade de repetir e, portanto, identificar as marcas está implícita em qualquer código, fazendo deste uma grelha comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois por qualquer utente possível em geral. Qualquer escrita deve, portanto, para ser o que é, poder funcionar na ausência radical de qualquer destinatário empiricamente determinado em geral. E essa ausência não é urna modificação contínua da presença, é urna ruptura de presença, a 'morte' ou a possibilidade da 'morte' do destinatário inscrita na estrutura da marca (é neste ponto, digo-o de passagem, que o valor ou o 'efeito' da transcendentalidade se liga necessariamente à possibilidade da escrita e da 'morte' assim analisadas)" (Derrida, 1991, p. 356-357).

“destinação errante” (*Ibid.*), pois a origem já não é mais presente e sequer podemos fornecer garantias de ser encontrada. O sentido que se pretendia transmitir, então, jamais pode ser assegurado em sua integralidade.

Assim, a tradição se constitui sob os *rastros* (*trace*) anônimos da escrita, que, apesar de permitir a retomada de significados, não garante nenhuma verdade enquanto pura identidade de sentido. O suporte possibilita essa ambiguidade e será sempre uma instância operante por *debaixo* (*dessous*) do objeto visado (*Ibid.*, p. 90-91), mesmo que não seja tematizado, mesmo que não seja visto diretamente. Por isso, afirmamos que a questão da materialidade envolvidas nos processos de significação foi recalculada da tradição filosófica, que sempre se dedicou em enraizar uma suposta certeza nos campos transcendental e/ou ideal, e acabou por fugir do incômodo perante as incertezas ligadas à certa anarquia interpretativa proporcionada pela utilização dos meios e mediações materiais necessárias à transmissão de informações.

CONCLUSÃO

Derrida revela a complexidade da relação entre a materialidade dos significantes e as idealizações na formação do sentido e da significação. A investigação sobre o texto husserliano ilumina a crítica derridiana à metafísica da presença, na medida em que descobre-se o índice como desempenhando um papel fundamental na construção dos significados, mostrando que ambos os meios são indispensáveis para a emergência do sentido.

A materialidade do signo (que pode ser manifestada tanto na voz quanto na escrita, quanto em qualquer outro meio físico-material) serve como sustentação para as idealizações. Portanto, os suportes nos quais a linguagem é inscrita e fixada não são meros veículos passivos, mas um componente ativo e essencial na formação dos sentidos e das significações. Por meio da análise de Derrida, compreendemos que a linguagem é um campo de jogo de diferenças,

uma vez que a presença idealizada dos conceitos é inextricavelmente ligada à contingência de suas expressões materiais.

É através dessa concretude que as abstrações linguísticas encontram uma forma de expressão tangível, permitindo a repetição e a perpetuação dos significados ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, esse movimento para o exterior expõe os conceitos, que se pretendiam transmitir pela idealidade, à dinâmicas interpretativas que não podem ser controladas, reforçando a ideia de que o sentido nunca está plenamente presente e fixo. Esse reconhecimento abre novas perspectivas para a compreensão do pensamento, ao revelar camadas dos processos de significação negligenciadas pela tradição metafísica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOA, E. Escritura, encarnação, temporização: Merleau-Ponty e Derrida acerca de A origem da Geometria. *Dois Pontos*, [s.l.], v. 9, n. 1, abr. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/29093/19159>>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- DERRIDA, J. La phénoménologie et la clôture de la métaphysique [1966]. Paris: Alter. *Revue de Phénoménologie*, n. 8, p. 69-84, 2000.
- DERRIDA, J. Introduction. In: HUSSERL, Edmund. *L'origine de la géométrie*. Traduction et introduction par Jacques Derrida. Paris: PUF, p. 3-172, 1962.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaidman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, J. Assinatura acontecimento contexto. In: _____. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa, António Magalhães; revisão técnica Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1991. p. 349-373.
- DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- DERRIDA, J. Excerto de introdução à "Origem Da Geometria" de Husserl. Trad. Carla Rodrigues. *Em Construção*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 63-73, 2018.
- HUSSERL, E. *L'origine de la géométrie*. Traduction et introduction par Jacques Derrida. Paris: PUF, p. 3-172, 1962.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: volume 1.* Trad. Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

RAMOND, C. *Le Vocabulaire de Derrida.* Paris: Ellipses, 2001.

[Received: December 6th 2024. Editorial decision: February 3rd 2025]